

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. o n.ºs	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1157	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	950	\$120	20 de Fevereiro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

Teatro Republica



Actriz Adelina Abranches



Actor Chaby



NO PRIMEIRO ACTO DA «BISBILHOTEIRA»
Peça de Eduardo Schwalbach

CHRONICA OCCIDENTAL

Os preparativos para o congresso de Turismo, a reunir proximo em Lisboa, dão á chronica de hoje excellente assumpto.

Nos ultimos cincoenta annos, a multiplicação e rapidez dos meios de communicacão transformaram completamente o mundo. O commercio e a industria dos nossos dias, que já encontraram navios de vinte e cinco mil toneladas, com velocidades de vinte e dois nós por hora, e expressos fazendo cento e vinte kilometros por hora, mal sabem o que devem á primeira locomotiva e ao primeiro paquete.

Esta rapidez e multiplicação das vias de communicacão modificaram profundamente as leis economicas, fizeram da brevidade e economia dos transportes a base da industria, lançaram num concurso de velocidade e tonelagem a Inglaterra, a Alemanha, os Estados Unidos e o Japão, pro-

vocaram a abertura do canal de Suez e certamente abreviarão a do istmo do Panamá.

Vias maritimas frequentadas, a principio, por uma carreira mensal, têm agora tantas que se pôde dizer que as partidas e chegadas de vapores se succedem sem interrupção. Vias ferreas puramente locais são hoje arterias internacionaes. Montanhas, valles, rios, cederam aos tuneis e viaductos gigantescos. Deante da intelligencia e do trabalho não houve resistencia que não cedesse, de sorte que hoje, effectivamente, não ha Pyreneus, nem Alpes, nem Montanhas Rochosas.

Todas estas modificacões, todas estas transformacões alteraram completamente os antigos roteiros, os antigos itinerarios por terra e mar. Alguns portos monopolisaram a exportação e importação de certas mercadorias, outros adquiriram uma importancia com que ninguem contava, e devem essa importancia a facilidades excepcionaes de que dispõem como portos de escala e transito para viajantes e malas de correio. Genova, por exemplo, é no Mediterraneo o ponto terminal das linhas sul-americanas; Lisboa poderá

ser, quando quizer, o ponto terminal d'essas mesmas linhas na Europa Occidental.

Ha quem supponha, numa doce illusão meridional, que bastaria transformar Lisboa em uma especie de Nice ou, ainda mais, em uma especie de Monaco, para que a riqueza nos entrasse em abundancia pelas portas dentro, quasi sem trabalho, como chuva de ouro sacudida de um avental de fadas. A perspectiva da taluda, sem quasi ser necessario abrir a bolsa para adquirir o competente bilhete!

Não deseja a chronica interromper este sonho das mil e uma noites, nem despertar ninguem d'este engano d'alma lêdo e cego, mas sómente advertir que Lisboa não poderá nem deverá ser exclusivamente o sanatorio ou estação de recreio internacional, mas sim ao mesmo tempo, como caes da Europa e do novo mundo, um centro mercantil de primeira ordem, um grande bazar, um ponto de transito para as mercadorias ou, pelo menos, para os passageiros e correspondencia de todos os paizes do velho e novo continente.

Costumava-se até agora dizer, com aquelle pessimismo que nos é proprio, com aquelle nosso peculiar desdem pelas coisas nacionaes, que nós nem sequer sabiamos aproveitar os favores com que a natureza tão prodiga nos dotara, e que se não estragávamos ou não inutilisávamos a belleza e benignidade do clima, é porque tal facto não dependia, antes era superior ao nosso desleixo, á nossa vontade ou á nossa indolencia.

Pensa-se hoje de outra maneira e ainda bem, porque se comprehendeu enfim que de tudo se póde e deve tirar partido e que não é vergonha explorar sensata e decorosamente, já se vê, os recursos com que a natureza tão generosamente nos brindou. Fazer o contrario é que seria condemnavel, dando assim provas de uma inercia, de uma falta de iniciativa intelligente, que chegaria a tocar as raías de imbecilidade.

Além d'isso, se outros paizes, em egualdade de circumstancias ou em circumstancias inferiores ás nossas, exploram os menores encantos do seu territorio, para attraírem os estrangeiros na peregrinação do bello e do agradável, porque não havemos de seguir o seu exemplo, ficando irrisoriamente exceptuados da regra?

A Suíça é um povo grandemente trabalhador e engenhoso, mas não se contenta com a sua actividade industrial e diligencia alcançar outros meios de receita, que lhe garantam uma existencia desafogada e commoda. Antigamente, os suíços andavam grangeando meios de fortuna por essas côrtes da Europa, alistando-se como soldados mercenarios. Hoje, não. Os descendentes de Guilherme Tell fazem da sua independencia e da sua liberdade o mais digno e honroso ideal. O trabalho é a sua divisa e, sem saírem da patria encontram nella todos os meios indispensaveis para a defeza e sustentaculo da sua autonomia politica e moral. A natureza, se durante o inverno é rude e agreste, se corôa de neve perpetua as suas alterosas montanhas, de verão ostenta os panoramas mais deliciosos, ora imponentes, ora cheios de graça bucolica, perfumados de poesia como os idyllios de Gessner. Para esses valles umbrosos, para esses gigantescos despenhadeiros dos Alpes, para esse admiravel scenario, é que a Suíça convida o mundo inteiro para presenciar e gosar o mais extraordinario dos espectaculos. E não se pense que a Suíça perde os seus habitos singelos e pastoris para receber a visita dos seus hospedes illustres. Não: os costumes patriarchaes persistem e é patriarcalmente, no suavissimo aconchego dos seus *chalets*, que ella faz as honras da casa ás caravanas elegantes.

As nossas serranias não ostentam a magestade alpina, mas não faltam pontos no nosso paiz que são [a graciosa miniatura d'aquellas deslumbrantes paizagens.

Em compensação ha trechos de um pittoresco tão original, que não encontram similhança em outra parte. As fontes dos nossos valles murmuram saudosamente e como que estão cantando, na mais enternecida das melopeias, os amores lendarios como os de D. Ignez de Castro.

Aqui as neves não se despenham em avalanches monstruosas, e durante o inverno entreabrem-se no céu sorrisos de primavera. Podemos afirmar sem vaidade que existem n'este cantinho da Europa as mais adequadas condições para uma estação hibernal de recreio e gozo.

E' pois de toda a justiça e da maxima conveniencia que não desperdicemos um dos mais consideraveis elementos de prosperidade nacional. Os povos mais emprehendedores e activos de tudo fazem ouro e ninguem os pode accusar de obedecer exclusivamente a uma preocupação mercantil. Valorisam os seus haveres, o que é a coisa mais comensincha e racional d'este mundo. Se os nossos compatriotas vão lá fóra dispender o seu dinheiro em viagens deleitosas, porque não havemos de procurar uma compensação a esse *deficit*, equilibrando a balança das trocas e commutações internacionaes?

Todavia, o preciso, antes de mais nada, seria que Lisboa se tornasse um d'esses portos, a que se convencionou chamar «portos de velocidade», e se destinam, como o seu nome indica, a encurtar a duração das viagens para os passageiros e a facilitar o traspordo rapido de certas mercadorias. São portos de entrada e saida francas a qualquer hora do dia ou da noite, perfeitamente abrigados, aparelhados para o prompto desembarque de passageiros e mercadorias, e immediatamente ligados á rede ferro-viaria europêa por um serviço de transportes, rapido e commodo. E' de um porto n'essas condições que a America do Sul precisa na Europa, e de quantos sollicitam as suas preferencias nenhum reúne as vantagens do porto de Lisboa.

JOÃO PRUDENCIO.

TEATRO REPUBLICA

A «Bisbilhoteira»

A *Bisbilhoteira*, agora em cena no teatro da Republica, é uma das melhores peças do festejado autor dramatico Eduardo Schwalbach, a qual marcou epoca brilhante no teatro do Gimnasio quando ali foi representada ha annos, sendo o papel principal desempenhado pela talentosa actriz Beatriz Rente, de gloriosa memoria.

Este papel, agora interpretado por Adelina Abranches, não perdeu nada do seu primitivo valor e somos em dizer que até lucrou, sobre tudo na vivacidade e observação com que Adelina Abranches o desempenha, provando mais uma vez o seu grande talento de artista.

O mesmo diremos do actor Chaby no papel do dono do hotel, em que realisa um verdadeiro tipo de bonacheirão, todo zeloso dos creditos do seu hotel e do bem estar dos seus hospedes, observado do natural com superior criterio.

O desempenho por parte dos mais artistas concorre para o belo exito que a peça de Schwalbach está tendo, nesta sua nova apresentação.



Um concurso no Conservatorio de Lisboa

Realisou-se em 10 do corrente, no Conservatorio de Lisboa, um concurso entre os alumnos do terceiro anno, da classe dramatica, para entre si disputarem um premio oferecido pelo sr. dr. Julio Dantas, áquelle dos alumnos que melhor representasse o celebre monologo do *Vaqueiro*, de Gil Vicente, o fundador do teatro portuguez.

Concorreram os alumnos srs. Joaquim Almada, Reinaldo de Azevedo e João Rodrigues Henriques.

Para melhor se avaliar o merecimento destes tres concorrentes e por ventura tres futuros artistas, deixou-se-lhes completa liberdade de interpretação, assim como a de se vestirem e caracterisarem como melhor entendessem.

O juri compunha-se dos srs. dr. Julio Dantas, dr. Lopes Vieira, autor da versão portuguesa do referido monologo, e do professor sr. Augusto Mello.

Houveram se os concorrentes com muita arte na interpretação do tipo do *Vaqueiro*, como lições promessas de futuros artistas, sendo classificado em primeiro logar o sr. João Rodrigues Henriques a quem o juri conferiu o premio, um estojo de escritorio, oferecido pelo sr. dr. Julio Dantas, iniciador deste concurso.

Cabe explicar que o monologo do *Vaqueiro* ou *Aito da Visitação*, como lhe chamou o autor, Gil Vicente, foi recitado pela primeira vez na camara da rainha D. Maria, segunda mulher de El-Rei D. Manuel, em a noite de 6 para 7 de junho de 1502 (1), a segunda depois do parto da mesma rainha que deu á luz o principe D. João, depois rei D. João III.

Assim, se póde dizer, nasceu tambem o teatro portuguez, sendo Gil Vicente, . . . «apenas conhecido na côrte por algumas composições poeticas, faceis e galantes, foi quem, sentindo em si o fogo sagrado, se abalançou á empreza.» (2)

Este monologo, acha-se actualmente vertido e adaptado do castelhana, pelo distintissimo poeta sr. dr. Affonso Lopes Vieira, e foi esta versão magnifica a recitada no concurso, versão feita com muita arte e conhecimento da lingua, conservando, quanto possivel, o character e sabor da epoca, como se póde lêr do texto que, com a devida venia, transcrevemos:

Vaqueiro

Apre!, que sete impurrões
me ferraram á entrada,
mas eu dei uma punhada
num de aqueles figurões.
Porém, se de tal soubera,
não viera;
e, vindo, não entraria;
e se entrasse, eu olharia
de maneira
que nenhum me chegaria.

Mas, está feito, está feito;
e, se se fôr a apurar,
já que entrei neste lugar
tudo me sae em proveito.
Té me regala ver coisas
tão formosas,

que se fica parvo a vê-las!
Eu remiro-as, porém ellas,
de lustrosas,
a nós outros são danosas.

«Fala á Rainha»

Meu caminho não errou?
Deus queira que seja aqui,
que eu já pouco sei de mi,
nem deslindo aonde estou.
Nunca vi cabana tal
em especial
tão notavel de memória:
esta deve ser a glória
principal
do paraíso terreal!

Seja que não seja, embora,
quero dizer ao que venho,
não diga que me detenho
a nossa aldeia já agora.
Por ella vim saber cá
se certo é
que pariu Vossa Nobreza?
Crei' que sim, que Vossa Alteza
tal está

que de isto mesmo dá fé.
Mui alegre e prazenteira,
mui ufana e esclarecida,
mui perfeita e mui luzida,
muito mais que de antes era.
Oh!, que bem tão principal,
universal!

Nunca se viu prazer tal!
Por minha fé — vou saltar!
Eh! zagal,
Dis, lá, diz' lá: — saltei mal?

Quem queres que não rebente
de alegria e gasalhado!
De todos tão desejado,
este príncipe excelente,
oh!, que rei terá de ser!

A meu ver,
deviamos pôr em gritos
a alegria e a esperanza,
que até os nossos cabritos
desde hontem, co'a folgança,
não cuidam já de pascar.

E todo o gado rertouça,
toda a tristeza se quita;
com esta nova bemdita
todo o mundo se alvoroça.
oh! que alegria tamanha,
a montanha

e os prados re floriram,
porque agora se cumpriram
cá nesta mesma cabana
todas as glórias de Espanha.

Que grão prazer sentirá
a grão côrte castelhana!
Quão alegre e quão ufana
a vossa mãe não estará,
e, á uma, toda a nação!

Com razão,
que de tal rei procedeu
o mais nobre que nasceu:
seu pendão
não sofre comparação.

Que pae, que filho, e que mãe!
Oh!, que avó, que avós os seus!
E suas tias, tambem!
Bemdito o Senhor dos céus
porque ell' tal familia tem!
Viva o príncipe logrado
que é o bem aparentado!

Se agora vagar tivera
e depressa não viera,
maldito seja eu então
se aqui a conta não dera
de esta sua geração.

Será rei Dom João Terceiro,
o herdeiro
da fama que nos deixaram,
dos tempos em que reinaram
o Segundo e o Primeiro
e ind' outros que passaram.

Mas ficaram-me lá fóra
uns trinta ou mais companheiros,
pastores, zagaes, porquieiros,
e vou chamá-los agora;
elles trazem p'ra o nascido
esclarecido,
ovos e leite fresquinhos,
e um cento de bolinhos;
mais trouxeram
queijos, mel — o que puderam.

E ora os quero ir chamar,
mas, por via dos puxões,
agarrem os figurões
p'ra a gente poder entrar.

(1) Gil Vicente, por J. J. de Brito Rebello, pag. 10.

(2) Idem, idem.

O Palacio da Bolsa do Porto

Este notavel edificio da cidade do Porto, aca-so, o mais sumptuoso, sede da Associação Com-mercial e do Tribunal do Comercio, tem, nos ul-timos dias sido assunto de palpitante interesse, muito principalmente na segunda cidade do país, em consequencia do decreto de 7 do corrente, do governo provisório, que mandou entregar o dito edificio, á Comissão Municipal do Porto.

Para explicar este decreto é preciso remontar a mais de meio seculo a historia do edificio em questão.

Até 1834, os comerciantes do Porto não tinham associação propriamente dita e apenas alguns negociantes matriculados e outros que o não eram, se reuniam uma vez ou outra para tratar do que lhes interessava, em uma casa da rua dos Ingleses, a que davam o nome de *Juntina*, e onde também se realisavam leilões de mercadorias.

Em 1834, decretado o Código Commercial, ins-talou-se no Porto o respectivo tribunal de primei-ra instancia, e o juiz presidente e os jurados, con-vidaram então os principaes negociantes daquella praça, nacionaes e estrangeiros, a formarem as-sociação, para melhor pugnam pelos interesses do comercio. A ideia foi bem aceite e nomeou-se uma comissão de cinco membros para elaborar uns estatutos os quaes, apresentados com o nome de *Regimento da Associação Commercial do Por-to*, foram aprovados, constituindo se a associação com uns duzentos e tantos socios, que elegeram a direção.

Desempenhou-se esta condignamente do seu encargo, procurando com muito zelo elevar a nascente instituição, quer no conceito publico quer no dos governos, tratando ao mesmo tempo de fundar casa propria para a sua sede.

Neste sentido deitou suas vistas sobre as rui-nas do mosteiro de S. Francisco, que havia sido pasto das chamas em a noite de 24 de julho de 1832, de que escapara apenas o magestoso tem-plo. Nessas ruínas se planeou levantar a casa e para obter os fundos para a construir, reuniu a associação assembléa geral em 6 de março de 1839 e nella foi apresentada, discutida e apro-vada uma tabela de imposto sobre os generos despachados na alfandega do Porto, cujo produ-to seria aplicado para as obras da Praça. Esta tabela foi aceite por todos os negociantes inclu-in-do os estrangeiros, havendo sido previamente to-dos convidados a discutir e aproval-a.

Em 18 de junho de 1841 foi o imposto apro-vado oficialmente por Carta de Lei dessa data e no dia seguinte foi pelo governo concedido á As-sociação Commercial as referidas ruínas com a clausula de que, no edificio a construir se reser-varia casa para o Tribunal do Comercio e suas dependencias.

Em 6 de outubro de 1842 foi colocada a pri-meira pedra do edificio, e nos primeiros compart-imentos que se concluíram se instalou provisori-amente o Tribunal do Comercio e em uma ou-tra sala a Associação Commercial, em 7 de novem-bro de 1845.

A obra proseguiu, mas reconhecendo-se que ella demandava somas superiores ao primitivo orçamento, votaram os socios e mais comercian-tes que se aumentasse o imposto, o que foi super-riormente aprovado por Carta de Lei de 16 de junho de 1848.

Com o aumento votado ficou a Associação ha-bilitada a proseguir e acabar o sumptuoso edifi-cio, que ocupa a area de 3167 metros quadrados, com dois pavimentos além do terreo. A fachada principal, cuja arquitetura é da ordem dorica, está virada ao nascente, dando sobre a antiga rua Ferreira Borges, hoje praça do Infante D. Henrique. E', como dissemos, uma construção sumptuosa e a gravura, que publicamos, dispensa minuciosa descrição. As restantes faces do edifi-cio são bem delineadas e em harmonia com a principal.

Interiormente tem magnificas salas, ricamente ornamentadas e de custosa arquitetura, tanto as do Tribunal do Comercio, como as da Asso-ciação Commercial, distinguindo-se o salão de honra em estilo arabe, com profusão de dourados que deslumbra vêr.

Dispenderam-se nesta construção somas im-portantes provenientes do imposto, sendo certo que do mesmo imposto se applicaram algumas centenas de contos, com autorisação do governo, para outras obras e instituições da cidade, sen-do também destinado á Camara Municipal a me-tade do dito imposto liquido.

Até aqui a historia resumida do edificio pela qual se vê que elle foi feito com o produto de

um imposto pago pela cidade do Porto, e é este, segundo parece, o ponto principal que deu causa ao decreto, a que no principio nos referimos, pela circumstancia da Comissão Municipal precisar daquelle edificio para os Paços do Concelho, visto o antigo em que a camara tem funcionado não estar em condições de continuar a servir, tornan-se preciso um edificio condigno da cidade.

A comissão alegou não poder dispôr de meios para construir um novo edificio, e que tendo a cidade contribuido para a construção do Palacio da Bolsa, considerava este como pertencente ao municipio para nelle se instalar.

O decreto mandando dar posse do Palacio da Bolsa á Comissão Municipal, concedia á Asso-ciação Commercial um prazo não inferior a tres mezes para se desalojar, esta, porém, não se aproveitou da concessão e deixou o edificio no pro-prio dia em que fez entrega delle á Comissão Municipal.

A Associação reuniu extraordinariamente a sua assembleia geral no dia 11 do corrente, sob a presidencia do sr. dr. Julio de Araujo, o qual comunicou que da comissão nomeada na ultima as-sembleia para vir apresentar ao governo as suas razões sobre a posse do edificio, em que vae, em setenta annos se achava instalada, não conseguira resultado satisfatorio, embora fôsse muito bem recebida pelo sr. ministro do fomento, o qual lhes disse ter a questão tres pontos a considerar: ju-rídico, economico e politico. Era uma questão grave que só em conselho de ministros podia ser resolvida. Essa resolução era o decreto já conhe-cido, e o que nomeava uma comissão autonoma para melhoramentos da cidade.

Em vista disto o sr. presidente leu á assembleia o officio, que em seguida transcrevemos, e que esta aprovou:

«Ex.^{ma} sr. presidente da comissão administra-tiva da ex.^{ma} Camara Municipal do Porto. — Tenho a honra de acusar a recepção do officio de v. ex.^{ma}, com data d'hontem, comunicando-me que a comissão administrativa da ex.^{ma} Camara Mu-nicipal desta cidade resolveu comparecer hoje, pelas 3 horas da tarde, na sede desta corporação, afim de dar cumprimento ao decreto com força de lei, de 7 do corrente, do Governo Provisorio da Republica. — A assembleia geral desta corpo-ração, reunida hoje, deliberou cumprir as dispo-sições do referido decreto, embora não possa de-ixar de protestar contra a sua doutrina por a con-siderar atentatoria dos seus direitos e um agravo imerecido a uma coletividade, que tantos ser-viços tem prestado. — E, sem prescindir de fazer valer oportunamente os seus direitos á proprie-dade do edificio, onde ha 70 annos tem a sua sede, ao abrigo de uma posse titulada, pacifica, de boa fé, continua e publica, resolveu que a en-trega não se limitasse ao edificio, antes se exten-desse a tudo quanto nelle se contém, (exceptuando apenas o arquivo e objetos privativos da corpo-ração) porquanto não é possível fazer distincção entre o predio e o seu conteúdo, quando os di-reitos que tem a um e outro são absolutamente os mesmos e estão captivos das mesmas obriga-ções. — E, assim, ficará desde já a ex.^{ma} Camara Municipal ou a Junta Autonoma das Obras da Cidade com instalações completas, que algumas gerações, cuidadosamente organisaram, e pessoal convenientemente habilitado para as dirigir, evi-tando de este modo a impressão desfavoravel que certamente causará o desaparecimento desses elementos, que têm contribuido poderosamente para o alto conceito de que justamente gosa a praça do Porto. — Saude e Fraternidade. — As-sociação Commercial do Porto, em 11 de fevereiro de 1911. — O Presidente, (a) *Julio Araujo*.»

Nesse mesmo dia fez a Associação entrega do edificio á Comissão Municipal, presidida pelo sr. Xavier Esteves, lavrando-se o respectivo auto de entrega e posse, com todas as formalidades officiaes, sendo consignado no mesmo o protesto acima referido, de fazer valer oportunamente os seus direitos á propriedade.



O Instituto Internacional de Agricultura

(Concluido do n.º 1156)

O Instituto pela organização que lhe quizeram dar os Estados, ciosos de sua liberdade de acção, mas talvez, por tradição, em demasia desconfia-dos uns dos outros, é necessariamente o *reflexo* da vida agricola das nações que o compõem e

como nem todos esses paizes possuem no mesmo grau de perfeição os serviços d'onde teem de sahir os elementos aproveitaveis para a obra com-mum, o resultado será, em conjuncto, o de uma *medea*, elucidativa apenas. Como porém este convivio das nações ha de trazer forçosamente uma sã emulação entre ellas, o aperfeiçoamento e mesmo a organização de certos serviços nacionaes não tardará e essa *medea* elucidativa hade tender, cada vez mais, para a *medea* absoluta obtida pelo paiz que melhor tenha assentes esses serviços. Não é essa uma das menores vantagens do Instituto. Se a sua intervenção indirecta entre nós por essa forma nobre e pelos elementos de estudo que nos fornece nas suas multiplas mono-graphias, se traduzir de tal maneira, nem decupli-cada que fôsse a nossa cotisação e a nossa despeza com a instituição de Roma, pagariamos o relevante beneficio que nos prestaria. Apesar da sua ainda tão curta existencia pôdem já apontar-se Estados, que para se collocarem á altura de corresponder ás iniciativas do Instituto, resolve-ram organizar serviços de estatistica agricola ou melhorar os que possuíam, e a criar organismos scientificos, economicos e sociaes que não possu-íam ou tinham pouco desenvolvidos. Paizes dos mais adeantados formaram secções de especia-listas para manterem as relações de correspon-dencia com o Instituto ou d'isso encarregaram pessoas competentes, tal é o apreço em que teem a eupreza do rei da Italia.

Não se peça ao Instituto mais do que elle pôde e deve dar nos limites da convenção. Escrupulo-samente ha de manter-se adentro d'esse do-cumento sob risco de ser denunciado por algum dos signatarios, como é de seu direito. As 50 na-ções ou colonias adherentes hoje a essa obra, ju-diciosamente entenderam que é necessario cami-nhar de vagar para não cair. A queda seria a morte ou um longo addiamento de realisação d'um soberbo plano. O Instituto por emquanto deve ser, e é, modesto, trabalhando apenas para a realisação dos ideaes que lhe marcaram. Isso não impede que seja a mais alta expressão da so-ciabilidade e do internacionalismo.

Isso não impede que a idea global do Instituto Internacional de Agricultura esteja em marcha; a ideia synthese de todas as ideias solidaristas humanas no campo agricola, caminha e já não pôde recuar. A convenção do Instituto ha de mo-dificar-se, melhorando sempre, á proporção que as *étapes* solidaristas se fôrem vencendo e aper-feiçoando os organismos economicos de cada Estado. E' uma conquista que fica para o patri-monio da humanidade. Nenhuma reacção á inu-tilizará; o progresso, a força moral, essa em que profundamente creio, hão de melhorar e alargar cada vez mais a sua obra, chegando um dia a juntar todos os primitivos designios do sr. Lubin e outros planos que andam nebulosos ainda nas nossas aspirações mas que n'estes ultimos annos muito se teem concretizado e concentrado no animo das gentes a ponto de antever-se já uma realisação pratica. Refiro me a todo o grandioso movimento de solidariedade que se desenha, que se vê e sente, em todos os phenomenos sociaes, quer sejam de ordem scientifica quer não; quer sejam representados pela necessidade de estudar as doenças das plantas em commum, quer seja imposta pela miseria dos emigrantes isolados e enganados; quer sejam indicados pelos desejos dos bibliothecarios do mundo de abrirem seus sanctuarios aos mais distantes individuos avidos de conhecimentos, quer sejam forçados pelos te-merosos conluios da especulação contra o pro-ductor e o consumidor; quer sejam traduzidos na organização, pelo consenso das nações, de um methodo estatistico uniforme em todo o mundo, quer sejam indicados pela obrigação de bem dis-tribuirmos a mão d'obra humana, garantindo a vida para todos os que trabalham; quer sejam expressos na protecção ás victimas do trabalho, quer sejam evidenciados no estudo dos congres-sos, das comissões e das instituições internacio-naes para se occuparem de pontos limitados do saber humano; quer sejam passados entre in-dividuos, quer sejam entre nações...

Chegámos a um ponto da historia em que se falla sem utopias, da *Sociedade das Nações!* Não pequenos grupos de paizes ligados para fins de defeza ou de ataque: sim verdadeiras *sociedades* de dezenas de nações unidas para fins de justiça, de utilidade universal! Existem, vivem, servem. Ahí está na conferencia e no tribunal da Haya, para o capitulo juridico; aqui está no Instituto de Roma, para o capitulo economico-agricola.

E já vimos como logicamente seguindo a his-toria, em Roma devia estar; como odiernamente, também Roma se impunha para essa instituição. E a Italia collocando o lin lo *palazzino* do Ins-

Um concurso no Conservatorio de Lisboa



OS CONCORRENTES Á RECITAÇÃO DO MONOLOGO DO «VAQUEIRO» E OS MEMBROS DO JURI

tituto entre os pinheiros mansos da *Villa Borghese*, mostrou saber ainda que, sem arte, nada é prestavel e duradouro na vida humana!

Se na *Villa Borghese*, por tantos motivos conhecida e admirada, a arte e a natureza nos encantam e diminutamente nos prendem a um passado agricola, o espirito novo, pacifico e fecundo alli domina agora, trazido do mundo inteiro á

instituição recente pelos representantes de todas as nações.

As estatuas da Grecia olympica, os fustes em ruina, os porticos, os pequenos templos, o museu precioso, os seculares arvoredos, fazem-nos pensar em outras épocas de maior belleza artistica, é certo, mas tambem de mais feroz egoismo e de mais odientas luctas.

Quantas vezes ao transpôr as alamedas que me encaminham para o Instituto Internacional, vou eu vendo e sentindo o poder immenso das coisas bellas, perduravel atravez dos seculos e das civilisações. E n'aquelle quadro evocador de idos



RODRIGUES HENRIQUES

PREMIADO NA RECITAÇÃO DO MONOLOGO DO «VAQUEIRO»



O PALACIO DA BOLSA DO PORTO, DEPOIS DE DEMOLIDOS OS BARRACÕES EM FRENTE, EM 1889, E AGORA ENTREGUE Á CAMARA MUNICIPAL.

Instituto Internacional de Agricultura



A SÉDE DO INSTITUTO



OS TRES PORTICOS DE ENTRADA PARA O INSTITUTO



O LAGO DE VILLA BORGHESI



FONTANA DE ESCULAPIO NA VILLA BORGHESI



O VESTIBULO DO INSTITUTO

tempos, n'aquella paisagem austera de pinheiros e cyprestes, na qual a relva tenra põe sorrisos de donzella e onde as estatuas brancas, as fontes cantantes, os lagos, os fictícios templos fazem perpassar o sopro heroico da Grecia authentica e a galanteria gentil do seculo XVIII n'um mixto de sentimentos de arte que perturba, eu ponho na minha imaginação quadros em que deslisam com vivida semelhança pedaços da existencia de outr'ora. Quantas vezes na Fontana de Esculapio supponho vêr reunidas em preciosa sociedade damas solertes, talvez princezas, intrigando ou discutindo amor e molhando os labios carminados no puro Falerno, que em taças de prata cinzelada por Cellini, lhes offerecem pagens esbeltos! Quantas vezes no fundo escuro d'um cedro destaco as rubras vestes de um cardeal erudito, preleccionando em frente d'estatua marmorea de imperador, e a seu lado, em attitudo de humilde admiração, o joven artista seu protegido.

A cada passo muda a perspectiva e eu reconheço em cada novo aspecto a arte, dispondo a verdura, talhando o cypreste ou levantando em columnatas gracis um templo, que reflecte nas mansas aguas d'uma lagôa as linhas impeccaveis, que lhe dão a fórma da sua construcção inspirada no antigo!

Ao entrar, porém, no Instituto, a vida nova, a força das ideias nobilissimas do nosso seculo varrem por completo do meu espirito os quadros evocados.

E a belleza moral, aspiração magnifica dos modernos tempos sedentos de verdade e de bem, subjugam a exclusiva belleza de outr'ora.

A synthese da civilização, faz-se, instantaneamente em nosso espirito. Está alli condensada no Instituto Internacional de Agricultura!

D. LUIZ DE CASTRO.

O «CLEVELAND»

E' este o nome de um dos maiores trasatlânticos que cruzam os mares e que ha dias esteve no nosso porto, sendo o maior navio que até ao presente tem entrado no Tejo.

O *Cleveland* pertence á Hamburg America Line, e chegou aqui, vindo de New-York, em 9 dias, com o andamento de 16 milhas á hora.

Este grande trasatlântico mede 79 metros de comprimento e desloca 17:000 toneladas, com potentes maquinas que lhe permitem andamento até 18 milhas á hora. Comporta a bordo 4:000 pessoas com 400 tripulantes.

Todo o navio é luxuoso, oferecendo as maiores comodidades, sendo os camarotes espaçosos, tendo alguns sua salinha contigua e quarto de banho. Para gozo dos passageiros, tem um salão de concertos, onde todas as noites tocam musicos de nomeada. Tem uma biblioteca com secção de informações, sala de barbear, restaurante, tipografia onde se imprime o *Diario do Atlantico* que publica radiogramas do mundo; hospital e lazareto para isolar os doentes em caso de epidemia a bordo. De prevenção a sinistros tem poderosos meios de salvamento rapidos, entre elles 28 es-

caleres que se pôdem lançar ao mar em menos de um minuto.

Entre os 354 excursionistas que o *Cleveland* trazia a bordo, vinha a cantora Lilian Seymour, da Metropol Opera, de New-York, e que seguia para o teatro S. Carlos de Milão.

Os passageiros do *Cleveland* desembarcaram em Lisboa e visitaram os seus monumentos assim como Cintra, Estoril e outros pontos, tendo sido, para os transportar, tomado grande numero de trens e automoveis, o que produziu maior movimento na cidade, e uma boa amostra do que Lisboa pôde vir a ser como cidade de turismo.

O *Cleveland* apenas se demorou umas vinte e quatro horas no Tejo, seguindo para Cadiz, Gibraltar e mais desanove portos do Mediterraneo, em viagem que deverá gastar uns 80 dias, até ao regresso a New-York.

Ignez de Castro e Pedro o Cru, perante a iconographia dos seus tumulos

POR

M. VIEIRA NATIVIDADE

LISBOA — MCMX

Vira, em artigo de Caetano Alberto, uma referencia ao volume cujo titulo e demais elementos da verba respectiva acabo de escrever; e, agora, tendo eu mesmo levado a effeito a sua leitura, apresento-me aos leitores, communicando-lhes as minhas impressões.

Ignez de Castro e Pedro, têm constituido para mim, desde longa data, objecto de estudo e predilecção de leitura.

Nas columnas d'esta revista foi publicado, ainda não ha muito tempo, um longo artigo meu, de compilação historica, relativo a tão singulares figuras do scenario portuguez, em seculos passados.

Ao Camões, peço, frequentemente, aquellas estrophes inspiradissimas de *Lusíadas*, em que o genio do poeta illumina a «linda Ignez» e «o seu Principe», e com ellas pretendo sonhar coisas de delirio e deleites de acordado; mas, a breve trecho, compreendo-me na estreita realidade d'esta vida quotidiana de lucta constante e diviso na obra do poeta incomparavel o cunho typico da imaginação portentosa.

Houve Ignez de Castro, a hespanhola que ao filho de Affonso 4.º captivou e rendeu o coração, mas não houve uma série de inventivas com que a rima teve de conformar-se, maravilhando-nos, enlevando nos!

Ao rendilhado artistico, na pedra a que fôram confiados os corpos já inertes dos dois celebres amantes, pediu Vieira Natividade, com benedictina dedicação e muito judicioso criterio, a voz da verdade historica no possivel assérto comprovado.

O livro com que acaba de enriquecer a litteratura contemporanea, na publicidade hodierna, é, no seu genero, aquillo que de melhor conheço, e digo isto com tanta mais satisfação quanta a que me deriva de apenas de nome não me ser extranha inteiramente a pessoa do áuctor.

O volume, de formato grande, comprehende um texto de 117 paginas a que segue, em pagina separada, uma ultima elucidación do auctor que, ahí, tambem regista a sua gratidão e agradecimento aos seus tres distinctos e illustres colaboradores: Lopes Vieira como director da parte artistica da edição, Antonio Carneiro pela interpretação da «Fonte dos Amores» e Costa Motta, sobrinho, pela reprodução da *Rosacea*, existente na cabeceira do tumulo de D. Pedro.

Trinta e seis bellas estampas acompanham o volume, e tor-

nam de completa nitidez a prosa insinuante do seu texto auctorizado.

Abrange este as seguintes rubricas: «Tumulos — Lenda de Ignez de Castro — Os tumulos de D. Pedro e D. Ignez — Iconographia Tumular (O erudito auctor duplicou o texto d'esta rubrica, acompanhando-o da sua versão em lingua franceza)» — Notas.»

Sob a designação generica de *Notas*, analysa os seguintes pontos:

«Fonte dos Amores; Fonte das Lagrimas; D. Pedro e D. Ignez; Figura de D. Affonso IV; Como a lenda cresceu e se manteve; Ultimo capitulo da lenda d'Ignez; Iconographia; Bibliographia; Sigla do auctor dos Tumulos (?); Traslação de Ignez; Abertura e profanação dos Tumulos; Como os Tumulos teem sido descriptos; Os cabellos de Ignez (A este proposito o auctor fornece valioso esclarecimento que, decerto, valerá como aviso contra os pretensos vendedores de objectos e artigos da inditosa Castro); Chronologia.»

Nada escapou ao accurado investigador, para documentação genuina da sua obra perfeita. Baseado na prova dos monumentos, ordenados por quem de tudo se lembrava, D. Pedro 1.º, Vieira Natividade remata por estas conclusões formaes:

«Para que a lenda se transforme em facto historico é indispensavel recusar os tres assassinos Seriam tres ou mais que conspiraram contra a vida d'Ignez, mas só um foi o executor da sentença. Sobejamente fica demonstrado em seis edículas, e até naquella em que se representa a execução.

As scenas coroação, beija-mão, etc., devem ser banidas de toda a referencia séria. A coroação d'Ignez está subentendida na sua estatua tumular, onde, além da corôa de rainha tem o baldaquino de santa.

Se a coroação do seu cadaver fôsse um facto realiado, seria, pela sua magestosa representação, inscripta na rosacea ou nas faces do tumulo de D. Pedro, onde se repetem scenas não traduzidas, mas que devem referir actos da mais simples vulgaridade.

A historia dos dois amantes, como está representada n'esse tumulo, deve ser julgada, de hoje em diante, como unica narração verdadeira d'esse caso historico que a lenda tanto adulterou, e deve ser julgada mesmo como unico documento de valor.

Com a nossa leitura e interpretação da preciosa rosacea do tumulo de D. Pedro, nada perdeu a poesia que tanto tem celebrado os dois amantes: — antes ganhou em encanto, grandezza e verdade, visto que, como já dissémos, a mais linda lenda da historia portugueza fica transformada n'um facto historico que segura e indiscutivelmente se pôde subscrever.»

Coube ao auctor a gloria de estudar o facto na unica fonte, em verdade, que o revela com luz authentica, e foi assim, original na iniciativa a que é devida a publicação do excellente volume *Ignez de Castro e Pedro o Cru, perante a iconographia dos seus tumulos*.

A logica das suas reflexões, em face da obra artistica, é tão imparcial e convincente que as conclusões, transcriptas precedentemente, afiguram-se-me a ultima palavra na materia, susceptiveis talvez de novo reforço ainda, mas inabalaveis no irremovivel fundamento.

O melhor instrumento de averiguação do passado é o testemunho categorico expresso nos seus monumentos não suspeitos.

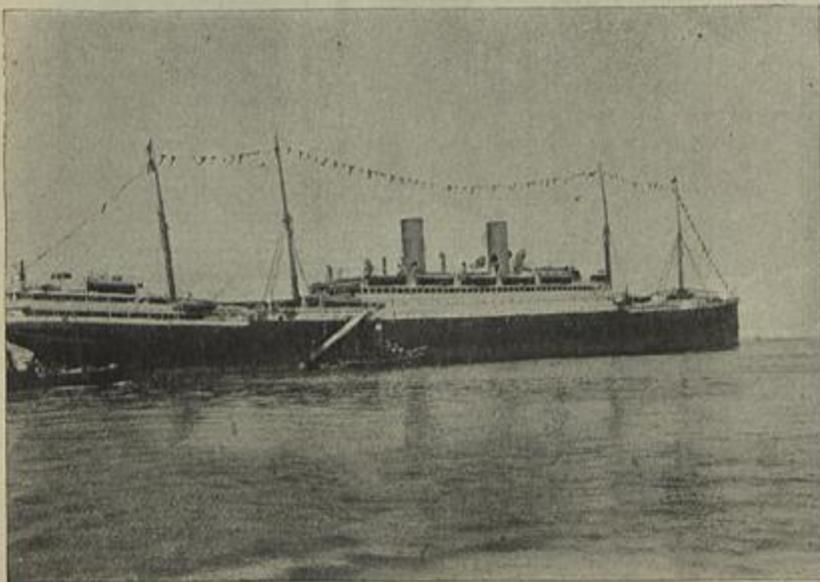
Uma vez confirmada a sua legitima authenticidade, só resta saber interpretal os e traduzil-os com rigor litteral, para haver em posse do presente a historia positiva do preterito.

Foi este o processo de Vieira Natividade, tal qual tem sido, approximadamente, o de outros estudiosos que não se contentam com leituras mais ou menos copiosas de papeis escriptos, os quaes, sendo muitas vezes de inestimavel valor e até recurso exclusivo em algumas, comtudo, não se acham livres de macula de contradictorios e da pécha de erros graves.

Promette o auctor continuar a proseguir na sua empreza nobre, e isso nos garante de que outros trabalhos de não inferior importancia historica virão assentar em bases solidas o edificio da verdade, tão obscurecido em grande parte por lendas indigestas e poesias

18-1.º 911.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



O «CLEVELAND», O MAIOR NAVIO QUE TEM ENTRADO NO TEJO

Desgraça! se a negação domina; porque a vida é uma affirmação; e uma sociedade, ama patria, uma nação é um todo vivo que pode morrer.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1156)

Sobre a brilhante superfície do mar, contei com os meus próprios olhos, dōze lanchas, que vinham cheias de assassinos. Dentro de meia hora ou talvez menos, aquelles demonios bateriam á nossa porta para entrar. Qualquer resposta que se lhe desse, por muita que fōsse a nossa habilidade, havia motivos para supôr que não poderiamos lutar contra tanta gente, nem defender a entrada até vir alguém em nosso auxilio, se é que esse alguém viesse alguma vez.

Todas as probabilidades, tudo quanto a razão nos fazia vêr, nos demonstrava que dentro em pouco seriamos feitos em pedaços sobre a rocha, e que os nossos cadaveres flutuariam no mar antes que o sol brilhasse na ilha de Ken.

Se eu pensava isto, como não o haviam de pensar tambem os meus companheiros?

Mostravam-se valentes, é verdade, e tinham boa cara, mas lá no intimo... quem poderia dizer o que ia?

— Somos poucos, Peter — respondi — mas estes poucos são melhores do que muitos, porque teem o coração no seu lugar. Bebe uma gotta de rhum e põe-te em sitio em que te não dê tanto a claridade da lua. Dolly colloca-se ao pé da metralhadora e eu o ajudarei. Recorda-te que não temos direito de disparar senão em ultimo extremo. Quando o escaler se approximar intima-o a que faça alto. Se continuar, faz fogo sobre elle e será o signal para a lucta. Não te esqueças, Peter, que se nos podermos manter até que nos venham ajudar, levaremos então miss Ruth para a Europa e desaparecerá para sempre este antro de demonios. Se achas que não vale a pena arriscar a vida por esta obra meritória, dize-me.

— Vamos a isto, vamos a isto! — responderam todos em côro!

E Dolly dando um salto até onde estava o canhão, começou a commandar em voz alta, como se realmente fōsse o capitão d'uma companhia em campanha.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

NECROLOGIA

Homero Machado

Era uma das figuras mais distintas e respeitáveis da praça de Lisboa, tanto por sua grande iniciativa inteligente e actividade, como pela honra do seu character o sr. Homero Augusto da Silveira Machado, falecido em 23 de janeiro findo.

Foi um grande lutador que pelo proprio esforço se elevou acima do nivel social, não obstante pertencer a uma familia que se distinguiu por homens illustres no saber, pois era irmão de Annibal Machado, antigo lente da Escola do Exercito, ha muito falecido e dos professores srs. Virgilio Machado, Achilles Machado e Ulisses Machado que honram o magisterio científico do nosso país.

Homero Machado repartiu a sua actividade, quer nas lides do commercio, quer nos diferentes cargos que desempenhou sempre de modo superior, como membro dos corpos gerentes da Associação Commercial de Lisboa, da Companhia de Panificação Lisbonense, da Companhia de Lanifícios da Arrentella, da Companhia de Seguros

Universal, tendo sido tambem por muitos annos diretor gerente da Companhia de Moagens de Santa Iria.

Fez tambem parte do Conselho Superior do Contencioso Fiscal e foi vereador da Camara Municipal de Lisboa.



HOMERO MACHADO

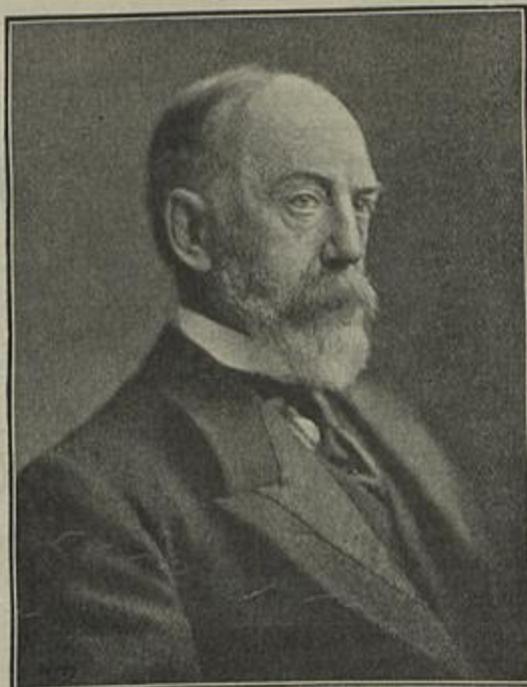
Foi, emfim, um cidadão prestante, que esgotou a vida, relativamente cedo, ao 50 annos de idade, em trabalho assiduo e inteligente, honrando-se a si e á patria.

Lamentando profundamente tão irreparavel perda, daqui enderessamos nossas sentidas condolencias a sua illustre familia.

Carlos Dilke

Faleceu em Londres, no dia 26 de janeiro ultimo, Carlos Dilke, o grande escritor e parlamentar inglês de universal nomeada.

Darlos Dilke nasceu por 1843 em Cheisca, e tanto se distinguiu por seus livros, como por advogado e parlamentar eminente, pertencendo ao partido radical.



CARLOS DILKE

Em 1888 fez parte do ministerio de Gladstone que lhe distribuim a pasta do interior.

Em 1896, um incidente desagradavel, pois foi acusado de adulterio por Donal Crawford, na Camara, fel-o retirar por algum tempo da vida publica, até que, em 1902 e 1905 foi eleito deputado por Gloucestershire, voltando ao parlamento, onde a sua figura continuou a ter notavel destaque.

D. Joaquim Costa

Sofreu agora a Espanha uma sensivel perda com a morte de D. Joaquim Costa, um dos seus mais notaveis escritores e parlamentares democraticas, gosando de grande popularidade no seu país e vantajosamente conhecido em Portugal.

D. Joaquim Costa, o grande pensador, encontrava-se doente desde o mez de maio do anno passado e desde essa época interrompeu os trabalhos da obra que estava escrevendo, *Estudos Historicos de Espanha*. Tinha começado outra obra, que elle considerava a mais importante, *Psicologia do povo espanhol*.



D. JOAQUIM COSTA

Verdadeiro democrata, revelado nos seus escritos, como na sua vida, character austero, incorruptivel, foi por vezes eleito deputado pelo partido republicano espanhol, e no parlamento defendeu com ardor as ideias democraticas.

D. Joaquim Costa nasceu por 1848 e faleceu, em Grans, no dia 8 do corrente.



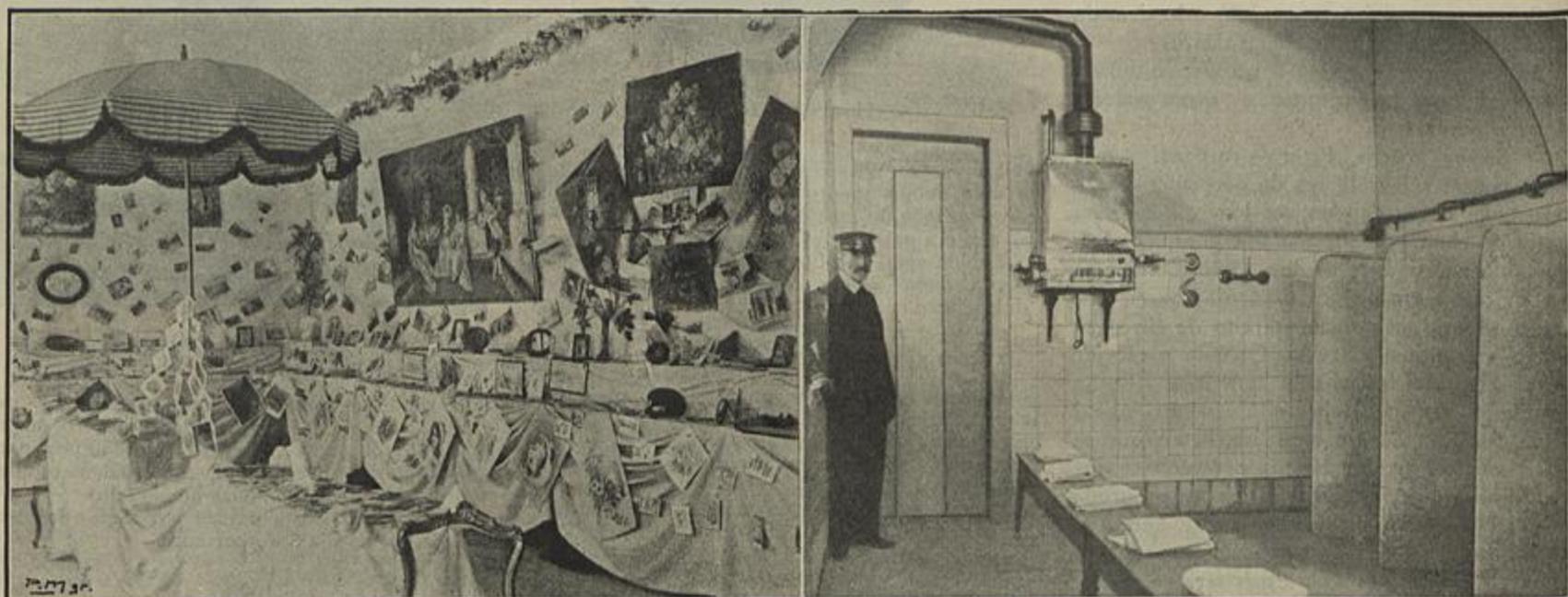
Inauguração do balneario da cantina escolar de S. Sebastião da Pedreira

No domingo, 12 do corrente, foi inaugurado um balneario na cantina escolar de S. Sebastião da Pedreira, a que assistiu os srs. ministro do interior dr. Antonio José de Almeida, João de Barros, diretor geral da instrução primaria, Eduardo Villaça, presidente da comissão, Henrique de Mendonça, professores e professoras sr. Virgilio dos Santos, sr.ª D. Herminia de Jesus Filipe, D. Elvira Mendes e mais convidados. A inauguração constituiu uma festa encantadora, para o que bastava o concurso das creanças, que por vezes cantaram e animaram a festa com a sua alegria. Discursaram varios oradores, entre elles os srs. drs. Eduardo Villaça e Antonio José de Almeida, que se congratulou com os grandes progressos que esta instituição tem realisado, e frisou quanto para estes tem corrido o sr. Henrique de Mendonça, homem de coração humanitario, aberto a todos os rasgos generosos e espirito de verdadeiro liberal.

A cantina escolar de S. Sebastião da Pedreira, é um belo exemplo a seguir, no grau de desenvolvimento que tem adquirido, aumentada agora com o balneario, onde as creanças pôdem tomar banhos, o que completa a educação do accio e da higiene, que dá saude e alegria, tornando a escola mais atrativa, onde, aliás, ás creanças já eram dadas refeições, vestuario e livros.

Muitas destas instituições são precisas por todo esse país fóra, e será a fórmula pratica de atrair as populações á escola, acabando com o analfabetismo, o peor dos males que enfraquece esta raça inteligente e forte.

Inauguração do balneario da cantina escolar de S. Sebastião da Pedreira



A ASSISTENCIA Á INAUGURAÇÃO DO BALNEARIO, VENDO-SE NO PRIMEIRO PLANO OS SRS. MINISTRO DO INTERIOR E HENRIQUE DE MENDONÇA — AS CRIANÇAS DA ESCOLA DO VINTEM PREVENTIVO — EXPOSIÇÃO DE LAVORES, ESTAMPAS, ETC. — O BALNEARIO

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar **com medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Vierling & C.^a

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios. Papéis de Credito, Coupons,

Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone, 2873

Endereço, Fundos.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^a

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (à Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis